



ECONOMIA DO BRASIL EM ALTA

O crescimento de 3,3% em relação ao mesmo período de 2023 é outro dado que poderia ser visto como uma evidência do sucesso das políticas econômicas adotadas.

NO CENÁRIO econômico do governo Lula, mais uma vez o mercado “surpreende-se” com o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), que registrou alta de 1,4% no segundo trimestre de 2024 e chegou a R\$ 2,9 trilhões em valores correntes.

É curioso como, apesar dos constantes sinais de recuperação e fortalecimento da economia, os analistas continuam a subestimar o desempenho do país, com números modestos que são superados a cada dia.

O crescimento de 3,3% em relação ao mesmo período de 2023 é outro dado que poderia ser visto como uma evidência do sucesso das políticas econômicas adotadas.

Mesmo assim, as reações são de “espanto”, como se a melhora das condições do mercado de trabalho e o aumento dos investimentos fossem surpresas e não resultados de um planejamento sólido.

Até mesmo a indústria, tradicionalmente o setor mais volátil, apresentou alta significativa de 3,9%, impulsionada pelo setor de eletricidade e gás. A agropecuária, que recuou devido às condições climáticas adversas, não foi suficiente para frear o crescimento geral.

CRESCIMENTO DO PIB TEM MUITO A VER COM A POLÍTICA DE VALORIZAÇÃO DO TRABALHO

Estatísticas divulgadas nesta terça-feira (3) pelo IBGE indicam que a economia brasileira continua numa saudável trajetória de crescimento. O PIB encerrou o segundo trimestre com um crescimento de 1,4% frente aos três primeiros meses do ano.

O resultado contrasta com o desempenho econômico registrado durante os governos neoliberais do golpista Michel Temer e do neofascista Jair Bolsonaro, quando a economia caminhou da estagnação para a recessão e o desemprego bateu todos os recordes.

Esta realidade não é obra do acaso. É fruto das

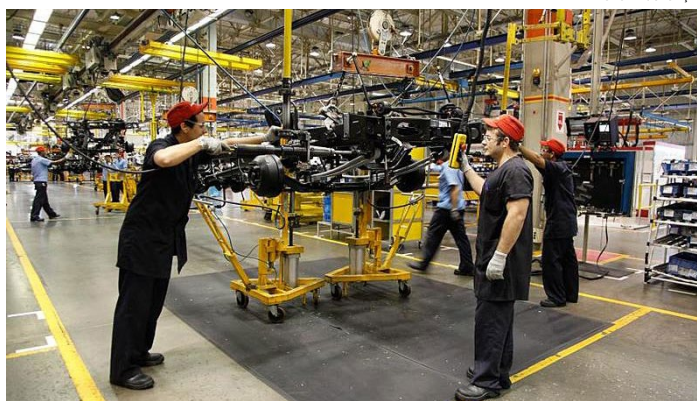


Foto Divulgação

políticas progressistas do governo Lula, com destaque para a política de valorização do trabalho, ou mais precisamente do salário mínimo.

As forças reacionárias e conservadoras são francamente hostis à valorização do salário mínimo, alegando que provoca desequilíbrio

fiscal e aumento o custo das empresas.

Mas, a verdade que eles não dizem é que os salários são um componente fundamental da demanda total de bens e serviços da economia, que Keynes chamava de demanda agregada. **Leia mais** <https://encr.pw/IDHDv>

Setembro Amarelo: Um chamado à ação para a saúde mental no ambiente de trabalho



Foto Divulgação

O mês de setembro traz consigo uma importante campanha de conscientização: o Setembro Amarelo, dedicado à prevenção do suicídio e ao cuidado com a saúde mental. O Setembro Amarelo é um momento de suma importância para refletirmos sobre a saúde mental e implementarmos ações que possam fazer a diferença, especialmente no ambiente de trabalho.

A origem do Setembro Amarelo remonta aos Estados Unidos em 1994, quando o estudante de 17 anos Mike Emme, cometeu suicídio. Em sua homenagem, sua família e amigos organizaram um velório decorado com fitas amarelas, em

alusão ao Mustang 68 que Emme havia restaurado e pintado de amarelo. O amarelo, portanto, simboliza a memória de Emme e a luta contra o suicídio. No Brasil, a campanha começou em 2014, promovida pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) em colaboração com o Conselho Federal de Medicina (CFM).

O Setembro Amarelo é um convite não apenas à reflexão individual, mas também à ação coletiva, principalmente nas empresas e ambientes de trabalho. Em um contexto onde o adoecimento mental tem se tornado cada vez mais prevalente, a necessidade de políticas de segurança psicológica no trabalho é evidente. **Leia mais** <https://encr.pw/lHbOi>

Estilo de vida dos jovens reflete na saúde

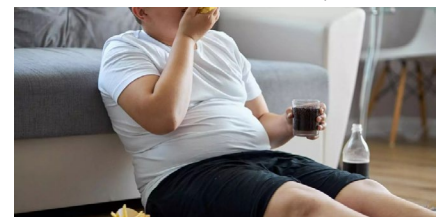


Foto Divulgação

No Brasil, 81,3% dos adolescentes possuem dois ou mais fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis, como problemas cardiovasculares e diabetes. É o que aponta estudo da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

Foi avaliado o estilo de vida dos jovens através de respostas relacionadas a sete variáveis: consumo de frutas e vegetais, ingestão regular de refrigerantes, doces e álcool, prática de exercícios, sedentarismo e tabagismo. A falta de atividade física foi o principal fator de risco detectado, 71,5% dos adolescentes se exercitam pouco.

A pesquisa apontou que 58% não ingerem a quantidade adequada de frutas e verduras e 32,9% consomem doces, como balas e chocolates em excesso. Além disso, 17,2% abusam de refrigerantes e 28,1% do álcool. A minoria (6,2%) é fumante e não houve diferença entre alunos de escolas públicas e privadas.

Apenas 3,9% dos jovens não apresentam fatores de risco para doenças crônicas, enquanto 9% apresentam todos os sete.